

# ECOS DE FANON EM FLORESTAN FERNANDES: ABORDAGENS PRELIMINARES

Erik Wellington Barbosa Borda<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

O trabalho que aqui se inicia propõe, acima de tudo, lançar questionamentos sobre a problemática das relações raciais em Florestan a partir da identificação de uma leitura de Fanon por parte do autor. Tratando-se de resultados preliminares, é muito cedo e arriscado sustentar que há uma ruptura em seu pensamento – entendida tal como ela aparece em Stuart Hall, onde “*elementos velhos e novos são reagrupados ao redor de uma nova gama de premissas e temas.*” (HALL, 2009. p. 123). Por outro lado, trazer à tona este tema implica em ao mesmo tempo direcionar nossa atenção a um aspecto relativamente negligenciado quando se pensa a questão racial em Florestan, a saber, a atenção que este autor deu ao tema da subjetividade do sujeito negro, assim como também contribuir para o debate sobre as apropriações de Fanon no Brasil. A temática racial não é em Florestan Fernandes um tema marginal ou secundário, uma vez que se vincula estreitamente a preocupações intelectuais mais amplas do autor que se referem, principalmente, à análise da passagem da sociedade tradicional à sociedade de classes (LÉPINE, 1987). Poder-se-ia dizer até mesmo “*que o autor não estudou propriamente a questão negra no Brasil, mas antes as descontinuidades da modernidade, tendo como suporte a questão racial.*” (SCHWARCZ, 2007. p. 19) Desse modo, atentar-se a essa problemática é fundamental para se compreender sua produção teórica, a forma peculiar e o estatuto que ele confere à Sociologia científica como disciplina capaz de desvendar o invisível no padrão de desenvolvimento que teve lugar na passagem do trabalho escravo para o trabalho livre, assim como seus desdobramentos tendenciais para a sociedade brasileira. O padrão assumido pela organização social, em seu meio interno, implica sempre em dilemas para os grupos por ela gestados. É nas ações/decisões de tais grupos que se podem observar as continuidades e rupturas de uma dada organização social (COHN, 1986).

Antes de tudo, entretanto, é necessário fazer uma colocação. Devido ao número limitado de páginas, este artigo apenas será demonstrativo de *resultados*

---

<sup>1</sup> Erik Borda é graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos. Tem experiência na área de Sociologia, atuando nas áreas de Estudos Culturais, Estudos Pós-coloniais e Sociologia das Relações Raciais. Como bolsista da FAPESP, atualmente pesquisa a obra de Stuart Hall e seus impactos sobre os estudos de raça e etnia no Brasil.

*preliminares* de uma pesquisa em curso sobre o estatuto da questão racial no pensamento de Florestan. Espera-se que seja lido dessa forma, como a primeira e parcial divulgação dos frutos de uma investigação levada a cabo nos últimos meses pelo autor deste texto e outros alunos do professor Valter Roberto Silvério no acervo pessoal de Florestan Fernandes, pertencente à Universidade Federal de São Carlos.

Dessa forma, deve-se considerar o escopo limitado de análise deste pequeno artigo. A hipótese de situar a presença da leitura de Fanon na obra de Florestan é consistente com a identificação de elementos que indicam, em primeiro lugar, a atenção de Florestan aos impactos subjetivos do preconceito racial e, em segundo lugar, o interesse do autor em divulgar a obra fanoniana no Brasil. Isso seguramente já foi observado; que em certo ponto de sua vida Florestan passa a dar maior ênfase ao impacto subjetivo sobre o sujeito negro do padrão de relações sociais assimétricas, com base na pertença racial, herdada do passado escravocrata<sup>2</sup>.

Tal questão, na perspectiva aqui adotada, não foi suficientemente desenvolvida na literatura sobre o tema. As pesquisas sobre o acervo pessoal do autor revelaram algo interessante: ao que tudo indica, Florestan havia lido *Pele Negra, Máscaras Brancas* de Frantz Fanon e interagido positivamente com as análises e ideias ali contidas. De alguma forma, a confirmação da nossa hipótese dialoga com a contribuição do artigo de Antônio Sérgio Guimarães, no qual ele analisa a recepção de Fanon no Brasil apontando principalmente a centralidade do livro *Os condenados da Terra* para a *intelligentsia* das décadas de 1960 e 1970. Assim, não apenas se lança aqui a *proposta* de um novo olhar – através de perguntas – sobre a questão racial em Florestan, como também amplia a extensão da recepção da própria obra de Fanon no Brasil.

## **A TEMÁTICA (OU PROBLEMA) DO NEGRO NA OBRA DE FLORESTAN FERNANDES**

Florestan (2007a) diz que a primeira vez que dá atenção à temática racial é em uma conferência de 1941, proferida em Assunção, na qual ele criticava a ideia corrente que concebia a sociedade brasileira como um amálgama de “três” raças, suplementadas pelos mestiços. Não obstante, é apenas na década de 1950, com a realização do projeto UNESCO-Anhembi, que Florestan mergulha de vez no problema. *Branços e negros em São Paulo* foi publicado inicialmente em 1955 por Roger Bastide e Florestan Fernandes como parte dos resultados dessa pesquisa,

---

<sup>2</sup> Antônio Sérgio Guimarães, por exemplo, menciona em seu artigo *A recepção de Fanon no Brasil e a identidade negra* os trabalhos de Florestan sobre a poesia negra. (GUIMARÃES, 2009. p. 100)

realizada pela UNESCO em parceria com a Revista Anhembi, acerca das relações raciais no Brasil<sup>3</sup>.

A pesquisa tinha o intuito de apreender o padrão supostamente harmônico de relações raciais brasileiras, difundido ao mundo em grande parte graças à obra de Gilberto Freyre e Donald Pierson (SCHWARCZ, op. cit., p. 17). Com isso, pretendia-se verificar as contribuições que o Brasil podia dar ao mundo em formação no pós-guerra em matéria de boa convivência racial. Os resultados não apenas demonstraram a insustentabilidade daquela suposição, como revelaram uma sociedade extremamente excludente para com a população negra e com atitudes preconceituosas que permeavam as relações entre os diferentes estratos sociais.

Essa pesquisa de Fernandes e Bastide, e em maior medida o projeto de estudo de 1951 *O preconceito racial em São Paulo*, foi de suma importância para Florestan. Isso porque a pesquisa foi bem sucedida na realização de dois objetivos intelectuais do autor, a saber: a criação de um consenso intelectual entre o mestre, Roger Bastide, e o pupilo, Florestan Fernandes e a unificação empírica, teórica e metodológica do estudo do negro no Brasil.

Com pequenas retificações, o projeto passou a exprimir uma plataforma de trabalho comum, tornando-se operacional tanto para as etapas de coleta e análise de dados, quanto para a etapa mais complexa de descrição e explicação dos processos de interação racial na cidade de São Paulo. [...] Ela (a pesquisa) deu origem a vários estudos importantes. (FERNANDES, 1976: pp. 61-62)

Tal fato foi observado por outros autores. Antônio Sérgio Guimarães, por exemplo, diz-nos acerca do livro *A integração do negro na sociedade de classes* que “*não há pesquisa empírica nova no material que Florestan nos apresenta*” o qual foi “*recolhido quase inteiramente para o projeto sobre Relações entre brancos e negros em São Paulo*” (GUIMARÃES, 2008. p. 11). É necessário afirmar tudo isso pois a leitura posterior de Fanon por Florestan Fernandes, que nos propomos a analisar aqui, e peculiaridade da obra daquele autor, iriam contra, sobretudo, a esse núcleo relativamente estável de problemáticas articulado pelo autor até o final da década de 1960, e que serviram à denúncia do caráter mitológico da democracia racial brasileira e à elevação do problema do preconceito racial ao nível da reflexão nacional.

Não é possível aqui descrever toda a gama de temas tratadas por Florestan neste momento, mas convém traçar de maneira breve o que seria esse núcleo de problemáticas. Em seus traços essenciais, pode-se dizer que os escritos de Florestan datados do *projeto de 1951* até alguns dos artigos da coletânea *O negro no mundo dos brancos* (1972)<sup>4</sup>, passando pela tese *A integração do negro na sociedade de classes*<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Para uma análise minuciosa do projeto UNESCO ver a tese de Marcos Choir Maio *A história do projeto UNESCO: estudos raciais e ciências sociais no Brasil*. IUPERJ, 1997.

<sup>4</sup> O prefácio que Florestan escreve ao livro *15 poemas negros* de Oswaldo de Camargo, por exemplo, é em certo sentido destoante em relação ao núcleo de problemáticas identificado.

(1964), centram-se nas “*hipóteses diretrizes*” esboçadas pela primeira vez no projeto de 1951<sup>6</sup>. O autor inicia esta seção do projeto de estudo apresentando o escopo metodológico que irá ter sequência ao longo de seus estudos posteriores. Esse método, diz Florestan, “*é aquele que considera os fenômenos particulares investigados em seu modo de **integração** (grifo meu) ao contexto social.*” (FERNANDES et BASTIDE, 2008. p. 268) Está saliente aqui o modelo funcionalista, que marcou muito o padrão interpretativo de Florestan. Esse escopo metodológico, por sua vez, voltou-se à análise das idiossincrasias da situação de contato racial existente no Brasil. Aqui selecionamos alguns dos traços dessa situação de contato, e que julgamos mais relevantes aos propósitos deste artigo:

a) a formação do preconceito racial constitui uma condição da acomodação de brancos e pretos em uma ordem social escravocrata; [...] d) as inconsistências do preconceito racial em face do *status* de “cidadão” não foram submetidas à crítica aberta, após a Abolição, senão tardiamente, e assim mesmo só nos centros urbanos; e) a integridade da antiga ideologia racial, com o desaparecimento da ordem social escravocrata e com a competição dos negros no mercado livre de trabalho está sendo *abalada mais ou menos profundamente* (grifo meu) graças à alteração da situação de contato, produzida pela imigração, por movimentos de população internos e pelo desenvolvimento das classes sociais. (id. *ibid.*, p. 270)

Em primeiro lugar, do traço (a) se pode derivar a interpretação de Florestan de que aquele padrão de relações raciais se tratava, na verdade, da sobrevivência mais ou menos intocada da antiga ordem escravocrata em matéria de relações sociais. A inferioridade do negro era uma ideologia que justificava o modelo de exploração e dominação do negro pelo branco. Nesse sentido, o preconceito de cor – e é necessário ter claro de que não aparecia no momento o termo racismo – tinha uma função específica no interior do antigo regime. No entanto, uma questão fica pendente: quando a antiga ordem se desagrega, por que, apesar de ter perdido sua função, o preconceito permanece? Florestan nos dirá, assim, que trata-se aqui de uma questão de demora cultural (*cultural lag*). Dentro dessa perspectiva, o Brasil vive várias épocas histórico-sociais ao mesmo tempo, diferentes temporalidades articuladas em uma ordem social competitiva em formação.

Em segundo lugar, do traço (d) se desprende efetivamente a identificação do *mito* da democracia racial. Uma vez que incompatível com os ideais da nova sociedade e disfuncional em si próprio, o preconceito passa a ser recalçado no interior da consciência social brasileira, isto é, a ser negado veementemente. Não obstante, sabemos que o comportamento do branco persistiu imbuído dos traços discriminatórios do antigo regime, mantendo o negro “em seu lugar”. A esse padrão

---

<sup>5</sup> Em entrevista concedida ao caderno Mais! Da Folha de São Paulo, em 20 de agosto de 1995, ele considera esta obra seu principal trabalho em termos empíricos e teóricos.

<sup>6</sup> Florestan pensava um projeto de estudo como capaz de concentrar “*a atenção do pesquisador sobre problemas que teriam importância secundária na elaboração de um plano de pesquisa.*” (FERNANDES et BASTIDE, 2008. p. 265)

tipicamente brasileiro de relações raciais, que opera de maneira oculta na manutenção de uma sociedade de castas superposta a uma sociedade de classes, Florestan caracterizará como “*preconceito de ter preconceito*”, outra ideia fundamental que perpassa suas análises.

E, finalmente, a partir do traço (e) da situação de contato racial no Brasil, podemos captar outro fator de grande importância nos estudos de Florestan: o *futuro* do preconceito de cor no Brasil. Esse é um aspecto que merece uma atenção mais aprofundada, algo que infelizmente não pode ser realizado aqui. Basta dizer que as hipóteses de Florestan sobre esse tema passam por deslocamentos ao longo de sua obra, perfilando ora dentro de uma perspectiva otimista que vê na integração econômica de negros e mulatos à sociedade de classes o desencadeamento da superação plena das assimetrias nas relações inter-raciais<sup>7</sup>, ora dentro de uma perspectiva mais pessimista, que aponta para uma absorção do preconceito de cor pela ordem social competitiva em gestação e sua ressignificação no interior desta<sup>8</sup>, e ora dentro de uma perspectiva utópico-revolucionária, que aponta para a irrupção da massa negra, dentro ou fora da ordem, como a única via efetiva de supressão dos arcaísmos do passado<sup>9</sup>. Nesse sentido, tem-se aqui um terreno ambíguo que, contudo, toma para si parte significativa das reflexões de Florestan Fernandes sobre a questão racial. Em última instância, pode-se efetivamente enfrentar neste último traço os descompassos da revolução burguesa no Brasil tais como aparecem na obra do autor, assim como a ambivalência de Florestan no seu tratamento analítico em níveis micro e macro.

A seguir trataremos mais especificamente do pensamento de Fanon com vistas a mostrar qual sua distinção ao paradigma mais estrutural de Florestan, e também, o tratamento que este último autor deu aos escritos do primeiro. As pesquisas no acervo Florestan revelam um intelectual familiarizado e interessado com alguns dos debates do que hoje se chama “pós-colonialismo”. Como Florestan não cita nenhum desses autores é muito complicado afirmar com segurança qual a relação que ele estabelece com seus pensamentos, mas de qualquer forma, uma coisa é certa; passagens como “*As nações que modernizam as outras, ao escraviza-lás, também se escravizam.*” (FERNANDES, 1973. p. 142) se tornam muito mais interessantes e sujeitas a uma nova e ampla gama de perguntas quando se tem conhecimento que Florestan leu, por exemplo – para nos mantermos à passagem em questão –, Albert Memmi<sup>10</sup>.

---

<sup>7</sup> Tendência mais fácil de ser observada no projeto de 1951.

<sup>8</sup> Tal tendência, por sua vez, pode ser observada nas hipóteses acerca do futuro das relações raciais no Brasil expressas no artigo *A persistência do passado* (FERNANDES, 2007b.)

<sup>9</sup> Tendência mais ou menos dispersa ao longo de sua obra, mas que encontra maior elaboração no artigo *25 anos depois: o negro na era atual*. (FERNANDES, 1976.)

<sup>10</sup> Florestan possui também um exemplar do livro clássico deste autor, *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. MEMMI, A. *The colonizer and the colonized*. Boston: Beacon Press, 1967.

## ECOS DE FRANTZ FANON EM FLORESTAN FERNANDES

Frantz Fanon foi um psiquiatra martiniquenho cuja obra é hoje palco de inúmeros debates, sendo que alguns deles começam a ser realizados no Brasil. Este artigo, embora voltado a Florestan Fernandes, entra nesse fluxo de reflexões. Os estudos de Fanon sobre o colonialismo foram importantíssimos para parte significativa da intelectualidade brasileira e latino-americana a partir da década de 1960 (GUIMARÃES, op. cit.). Entre os inúmeros autores que lidaram com essa obra está Florestan Fernandes. Embora não mencione Fanon em sua obra, como afirma o professor Antônio Sérgio (Idem), as pesquisas realizadas por nós no acervo de Florestan mostram sinais de que o sociólogo paulista teve contato com a obra do martiniquenho. Muito provavelmente esse contato se deu a partir da estadia de Florestan Fernandes na América do Norte, uma vez que suas edições de *Pele Negra, máscaras brancas*<sup>11</sup> e dos *Os condenados da Terra*<sup>12</sup>, ambas de 1968, estão em língua inglesa, e a temporada de Florestan no exterior tem início após seu afastamento da Universidade de São Paulo, em 1969. Por outro lado, o recente livro de Mário Augusto Medeiros da Silva (2013) aponta para uma dimensão relativamente negligenciada da questão; a presença de Fanon no meio ativista negro<sup>13</sup>. Tendo em vista que Florestan sempre manteve ligações muito fortes com esse grupo, também poderia se considerar a possibilidade de um contato anterior de Florestan com Fanon<sup>14</sup>.

Ao longo de sua curta obra, Frantz Fanon teve sempre como substrato de suas análises sua própria “experiência vivida” e a dos outros sujeitos colonizados. É um tipo de conhecimento desestabilizador que extrai seu potencial de crítica justamente do fato de ser imanente de uma condição de dor, da condição daqueles que são construídos abaixo da linha do Humano. Isso sempre se expressou de maneira muito forte ao longo de seus trabalhos, mas atinge o ponto mais extremo no livro “*Pele Negra, Máscaras Brancas*”, onde Fanon leva a análise dos dramas do sujeito racializado a uma profunda reflexão. O livro havia sido escrito como sua tese de doutorado, mas foi recusado pelos membros da comissão julgadora. “*Eles preferiram uma abordagem ‘positivista’ no estudo da psiquiatria, exigindo mais bases físicas*

---

<sup>11</sup> FANON, F. *Black skin, white masks*. New York: Grove press, 1968.

<sup>12</sup> FANON, F. *The wretched of the Earth*. New York: Grove press, 1968.

<sup>13</sup> E, refletindo sobre isso, é possível confirmar e acrescentar mais uma hipótese aos argumentos de Antônio Sérgio Guimarães: talvez a circulação e a recepção de Fanon no Brasil não se deem plenamente nos meios tradicionais, sejam acadêmicos ou de esquerda universitária. Mas através do interesse dos intelectuais e ativistas negros, ao fim dos anos 1970, focado nos usos possíveis que suas ideias possam ter para suas lutas político-culturais no contexto nacional. (MEDEIROS DA SILVA, 2013, p. 520)

<sup>14</sup> Em 1961 é publicado um prefácio de Florestan ao livro de Oswaldo de Camargo *15 poemas negros*. As similaridades com o capítulo 5, *A experiência vivida do negro*, do livro *Pele negra, máscaras brancas* são surpreendentes. O próprio encadeamento lógico dos argumentos se assemelha em muito ao capítulo do livro de Fanon; o negro se descobrindo a partir da negação do branco, seguido pela invocação por parte do negro de um suposto passado africano. Tal fato é mencionado aqui apenas para apresentar que há ainda uma parte significativa dos aspectos da questão racial em Florestan a ser mapeada e investigada.

para os fenômenos psicológicos” (GORDON, 2008. p. 13). Fanon teve que reescrever seu doutorado, o qual por sua vez recebeu o título sintomático de *Troubles mentaux et syndromes psychiatriques dans l'hérédodégénération-spino-cérébelleuse. Um cas de maladie de Friedreich avec delire de possession* (Idem). De qualquer forma, *Pele Negra, Máscaras Brancas* foi publicado dois anos depois e abriu caminho para suas reflexões posteriores sobre o impacto do colonialismo no Mundo.

O pensamento deste autor segue em grande parte a esteira de trabalhos que surge no período. A década de 1950 inaugura uma época de acontecimentos importante e com inúmeros impactos nas análises da questão racial. Como exemplos podemos mencionar que, “em julho de 1950, o setor de comunicação social da UNESCO lançou em caráter oficial e com ampla divulgação a Primeira Declaração Sobre Raça (Statement on Race)” (MAIO, 1997. p. 26), assim como também os inúmeros processos de descolonização de chamados países do Terceiro Mundo<sup>15</sup>. Do ponto de vista teórico as muitas contribuições de Fanon respondem a essa exata conjuntura, da mesma forma os importantes trabalhos de Aimé Césaire [1955] e Albert Memmi [1957]. Essas e outras reflexões se destacam por ir de encontro às formas tradicionais de se pensar a questão do colonialismo e do preconceito racial, em grande parte porque passam a operar em dimensões distintas de análise – a subjetividade – e por introduzirem um léxico inovador que incluía expressões como *racismo* e *racialização*, em si desestabilizadoras do paradigma padrão da Sociologia das Relações Raciais e o lugar de prestígio ocupado por ele nos estudos raciais. Referindo-se a este contexto histórico, Medeiros da Silva menciona no livro que citamos a presença de Geraldo Campos de Oliveira como representante da Associação Cultural do Negro no II Congresso de Escritores e Artistas Negros, ocorrido em Roma no ano de 1959. O interessante é que nesse mesmo congresso estava presente ninguém menos que o próprio Franz Fanon (MEDEIROS DA SILVA, op. cit.) Embora seja “*difícil afirmar, sem pesquisa exaustiva [...] o que Oliveira efetivamente carregou consigo de Roma e [...] se conheceu Fanon e se interessou pelo mesmo* (idem. p. 518), podemos propor como provocação a seguinte asserção: se até mesmo os intelectuais do ativismo negro, com relativa precariedade de recursos e conexões, tiveram contato ou possibilidade de contato com o pensamento fanoniano na década de 1950, não poderia também o ter tido Florestan, com todas suas fortes vinculações com o cenário intelectual global? Algo é fato, Florestan tinha interesse em divulgar a obra de Fanon.

Para finalmente nos distanciarmos das perguntas, voltar-nos-emos agora a um exemplo explícito de Fanon em Florestan que encontramos em seu acervo, tratam-se das cartas trocadas por este autor e Renato Ortiz durante a década de 1970. Antônio Sérgio Guimarães (op. cit.) cita o importante fato de Ortiz ter preparado uma coletânea, não publicada, sobre Fanon para a coleção Grandes Cientistas Sociais,

---

<sup>15</sup> Só no continente Africano nesta década surgiram Líbia, Etiópia, Sudão, Marrocos, Tunísia, Gana e Guiné (MAZRUI et WONDJI, 2010. pp. 128-129).

contudo, quem o convidou para participar da organização de um volume para a coleção foi o próprio Florestan Fernandes, tal como demonstra nossa pesquisa. Infelizmente, só temos as cartas de resposta de Ortiz. A princípio, Ortiz aceitava participar da organização, desde que fosse de um autor com o qual ele estivesse familiarizado. Sugere o nome de Roger Bastide:

Pensei seriamente sobre sua proposta a respeito da coletânea de autores em Sociologia e Antropologia. Creio que para mim seria um trabalho interessante, porém na medida em que me ocupasse de um autor familiar. Escrevo-lhe sugerindo um: Roger Bastide. [...] caso o senhor concorde peça-lhe que me escreva. (ORTIZ, 1977a)

É na resposta a essa carta de Renato Ortiz que Florestan sugere o nome de Frantz Fanon, como se pode observar na resposta de Ortiz:

A ideia de fazer uma coletânea sobre Fanon me parece interessante. Entretanto ela me coloca certos problemas. Primeiro conheço muito pouco a obra de Fanon, segundo praticamente não tenho acesso a nenhum de seus textos. [...] Não descarto absolutamente a possibilidade de trabalhar sobre Fanon, gostaria entretanto de obter novos elementos para poder me posicionar melhor face ao problema. (ORTIZ, 1977b)

No fim das contas, Renato Ortiz acabou por organizar o volume de Pierre Bourdieu para a coleção da editora Ática, como se pode observar nesta carta de 1978:

A última vez que nos vimos não tínhamos ainda decidido nada a respeito de qual autor eu poderia me ocupar. Conversei enseguida (sic) com Maria Isaura, e acho que o nome de Pierre Bourdieu seria interessante. (ORTIZ, 1978)

Mais interessante, porém, é o final da carta:

Por causa de sua *insistência* (grifo meu), andei lendo Fanon durante as férias. Gostaria de obter novos livros, mas você tem razão quando fala que seria importante abordar o problema da antropologia da colonização. Porque não fazer uma coletânea sobre este tema? (Idem)

De tudo isso, acreditamos que se podem desprender algumas observações fundamentais. Em primeiro lugar se pode notar que, de fato, Florestan havia não só lido Fanon como tinha profundo interesse em divulgar sua obra para o público brasileiro. Em segundo lugar, apesar de que no Brasil “*Renato Ortiz tem, sem dúvida, a reflexão mais profunda e refinada de Fanon*” (GUIMARÃES, op. cit. p. 113), seu interesse pela obra desse autor foi despertado justamente pelo contato com Florestan Fernandes. Insistimos que neste artigo apenas apresentamos brevemente resultados de uma pesquisa ainda em curso, seguramente ainda há muito que se descobrir sobre os ecos de Fanon em Florestan Fernandes, e como isso tenha servido para atentar o autor aos impactos subjetivos das estruturas sociais no Homem Negro e a formas distintas de se pensar o processo colonial e a emancipação social/racial a partir da década de 1970. Em suma, o que fizemos aqui foi a apresentação de um setor aparentemente ainda não

investigado da história das Ciências Sociais no Brasil, cujo empreendimento começa por nós a ser levado a cabo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COHN, G. *Padrões e dilemas: o pensamento de Florestan Fernandes*. In: MORAES, R. (Org.). *Inteligência brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008
- FERNANDES, F. *25 anos depois: o negro na era atual*. In: *Circuito fechado*. São Paulo: Hucitec, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- \_\_\_\_\_. *O negro do mundo dos brancos*. São Paulo: Global Editora, 2007a.
- \_\_\_\_\_. *A persistência do passado*. In: *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global Editora, 2007b.
- \_\_\_\_\_. *Poesia e sublimação das frustrações raciais*. In: *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global Editora, 2007c.
- \_\_\_\_\_. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Globo, 2008.
- FERNANDES, F et BASTIDE, R. *Branços e negros em São Paulo*. São Paulo: Global Editora, 2008.
- GORDON, L. *Prefácio*. In: *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GUIMARÃES, A.S.A. *A recepção de Fanon no Brasil e a identidade negra*. In: *Novos Estudos (CEBRAP)*. v.81, pp. 99-114, julho 2008.
- \_\_\_\_\_. *Prefácio*. In: *A integração do negro na sociedade de classes, volume 1*. São Paulo: Globo, 2008.
- HALL, S. *The after-life of Frantz Fanon: Why Fanon? Why now? Why Black skin, white masks?* In: *The fact of blackness: Frantz Fanon and visual representation*. Seattle: Bay Press, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Estudos culturais: dois paradigmas*. In: *Da diáspora: identidades e mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- LÉPINE, C. *A imagem do negro brasileiro*. In: *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: UNESP, 1987.
- MAIO, M. *A história do projeto UNESCO: estudos raciais e ciências sociais no Brasil*. 1997. 347 p. Tese (Doutorado em Ciência Política) - IUPERJ, Rio de Janeiro, 1997.
- MAZRUI, A A et WONDJI, C (Ed). *História geral da África, VIII: África desde 1935*. Brasília: UNESCO, 2010
- MEDEIROS DA SILVA, M A. *A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960 – 2000)*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.
- ORTIZ, R. [Carta] 28 set. 1977a, Belo Horizonte [para] FERNANDES, F. (?). 1f. Manifesta interesse em participar da organização da coletânea. UFSCar - Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes.

\_\_\_\_\_. [Carta] 08 ago. 1977b, Belo Horizonte [para] FERNANDES, F. São Paulo. 2f. Diz que se interessa em tratar Fanon na coletânea e pede textos do autor. UFSCar - Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes.

\_\_\_\_\_. [Carta] 16 fev. 1978, Belo Horizonte [para] FERNANDES, F. (?). 2f. Decide por tratar Pierre Bourdieu na coletânea e declara ter lido Fanon nas férias. UFSCar - Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes.

SCHWARCZ, L. *Raça sempre deu o que falar*. In: O negro no mundo dos brancos. São Paulo: Global Editora, 2007.